



Graduação Pós-Graduação
 Artigo completo Relato de prática Resumo expandido

PERCEPÇÃO DOS AGRICULTORES SOBRE O IMPACTO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NA AGRICULTURA

Maria Eduarda Macedo Vieira
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Maria_macedo@ufms.br

Milena de Souza
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Milena_souza@ufms.br

Lia Moretti e Silva
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
lia.silva@ufms.br

Amélia de Lorena Stanzani
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
amelia.stanzani@ufms.br

Alexandre Honig Gonçalves
Instituto Federal de Mato Grosso do Sul
alexandrehgongcalves@gmail.com

Jéssica Romagnoli Freire Campos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
jessica.rsf@hotmail.com

RESUMO

A agricultura familiar, predominante em diversas comunidades rurais, depende diretamente das condições climáticas para garantir a produção e o sustento das famílias. Este trabalho teve como objetivo identificar a percepção de agricultores de um assentamento rural sobre as mudanças climáticas e os impactos causados na produção agrícola. A pesquisa foi realizada por meio da aplicação de um questionário com 34 produtores rurais. Os resultados demonstraram que a maioria percebe modificações significativas no clima da região, principalmente relacionadas à ocorrência de secas prolongadas, elevação das temperaturas e irregularidade das chuvas. Tais alterações têm comprometido o rendimento das lavouras, favorecido o aumento de pragas e dificultado o planejamento das atividades agrícolas. Apesar disso, muitos agricultores ainda enfrentam limitações para adotar estratégias de adaptação mais eficientes, sendo o uso de cobertura de solo a prática mais comum. O estudo evidenciou, ainda, a importância de ações de capacitação, orientação técnica e políticas públicas voltadas para apoiar os pequenos produtores diante dos desafios ambientais, fortalecendo a segurança alimentar e a sustentabilidade no meio rural.

Palavras-chave: Agricultura Familiar; Mudanças climáticas; Produção rural.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO

As mudanças climáticas têm provocado transformações significativas em diversos setores da sociedade, sendo a agricultura uma das atividades mais sensíveis a esses fenômenos. O aumento da temperatura média global, a alteração no regime de chuvas, a ocorrência de estiagens prolongadas e o surgimento de eventos climáticos extremos, como tempestades e granizos, afetam diretamente a produtividade agrícola, a qualidade dos produtos cultivados e a segurança alimentar das comunidades. Esse cenário compromete não apenas a estabilidade econômica das propriedades rurais, mas também o abastecimento de alimentos e a dinâmica socioeconômica das regiões agrícolas.

Diante dessa realidade, torna-se essencial compreender como os agricultores percebem e interpretam as mudanças climáticas em suas atividades diárias, visto que são eles os primeiros a lidar com as consequências diretas dessas alterações ambientais. Identificar as principais dificuldades enfrentadas no campo, as adaptações adotadas e o nível de informação disponível entre os produtores rurais contribuem para a construção de estratégias mais eficazes de adaptação, além de fortalecer as políticas públicas voltadas ao setor.

A realização desta pesquisa de campo se justifica pela relevância de se conhecer a percepção local dos agricultores a respeito das mudanças climáticas, uma vez que as realidades rurais podem variar significativamente de acordo com a região, tipo de cultivo e condições socioeconômicas. Os dados obtidos poderão servir para instituições de extensão rural, órgãos públicos e organizações não governamentais que atuam no apoio ao desenvolvimento sustentável no meio rural, promovendo ações educativas, técnicas e ambientais mais adequadas às necessidades reais dos agricultores.

2 DESENVOLVIMENTO

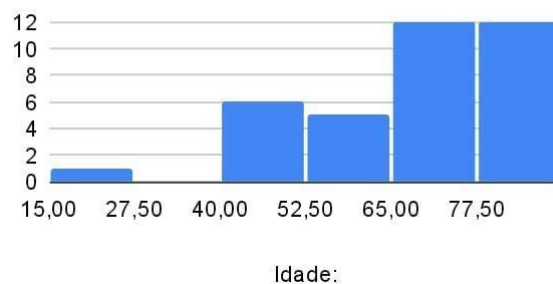
Esta pesquisa possui caráter descritivo e abordagem quantitativa, pois busca compreender a percepção dos consumidores. A amostra utilizada foi formada por 37 produtores do Assentamento Esperança na cidade de Anaurilândia, todos com idade superior a 18 anos.

A coleta de dados ocorreu entre os dias 14 e 15 de junho de 2025, por meio de questionários online contendo 10 perguntas fechadas e 2 abertas. Para a análise dos dados obtidos, foram empregados testes estatísticos descritivos, com o auxílio de softwares específicos para tratamento de dados quantitativos.

O resultado da pesquisa mostra que houve uma participação equilibrada entre homens (48,6%) e mulheres (51,4%), com uma leve predominância do público feminino. Isso demonstra que, no assentamento pesquisado, as mulheres têm uma presença ativa na agricultura, não apenas auxiliando, mas também assumindo responsabilidades produtivas. Quanto a idade dos entrevistados a maior parte dos entrevistados se encontra na faixa etária entre 65 e 80 anos, enquanto o número de jovens agricultores foi muito reduzido. Esse dado evidencia que o assentamento possui um público rural envelhecido, o que é comum em muitas comunidades agrícolas.

Gráfico 01 – Idades

Histograma de Idade:



Fonte: Elaborado pelos Autores.

Quando questionado o tempo que os participantes estavam na área da agricultura os resultados mostraram que a maioria dos agricultores tem entre 5 e 10 anos (37,8%) de experiência na atividade rural. Isso sugere que muitos deles, apesar de mais velhos, iniciaram na agricultura há relativamente pouco tempo, possivelmente após o processo de assentamento. Esse tempo de experiência já permite que os agricultores percebam as transformações no clima e suas consequências sobre a produção. Um grupo considerável de entrevistados também possui entre 11 e 20 anos (29,7%) de prática, o que reforça o conhecimento adquirido ao longo de diferentes safras e períodos climáticos.

Gráfico 02 - Tempo de experiência na agricultura

Fonte: Elaborado pelos Autores.

Foi possível observar que praticamente todos os entrevistados trabalham com agricultura familiar (81,1%), enquanto 8,1% trabalham com agricultura de médio porte e 10,8% agricultura de grande porte e ou seja, a maioria dos entrevistados produzem principalmente para o consumo próprio e para a venda em pequenas feiras ou mercados locais. Isso reflete o perfil do assentamento, onde a atividade agrícola é conduzida em pequenas áreas de terra, sem características de grandes propriedades comerciais. Esse tipo de produção tem como vantagem a diversificação e a proximidade com a comunidade, mas, por outro lado, enfrenta maiores dificuldades quando ocorrem alterações climáticas, pois há menos recursos e estrutura para lidar com adversidades.

Gráfico 03 – Tipo de produção

Fonte: Elaborado pelos Autores.

Entre as principais culturas produzidas, destacou-se o cultivo de hortaliças (51,4%),

seguido de pastagem (18,9%), mandioca (10,8%), e leite, soja, milho (2,7%). Isso indica que os agricultores da região trabalham com produtos que garantem o consumo diário e são de rápido ciclo produtivo, como alface, couve, cheiro-verde e outros vegetais. A mandioca, por ser uma cultura resistente e tradicional, aparece como alternativa de segurança alimentar, enquanto a pastagem sugere a presença de criação de animais em algumas propriedades. A diversificação de culturas ajuda a reduzir os riscos de perdas em situações de instabilidade climática.

Gráfico 04 – Principal cultura produzida



Fonte: Elaborado pelos Autores.

Quando perguntado 100% dos entrevistados acreditam que o clima na região mudou nos últimos anos e as principais mudanças percebidas pelos agricultores foram o aumento da temperatura (67,6%), seca prolongadas (64,9%) e redução ou atrasos de chuva (54,1%). Esses fenômenos afetam diretamente a agricultura, uma vez que o atraso ou ausência de chuvas prejudica o plantio e o aumento das temperaturas prejudicam o desenvolvimento das culturas. A percepção dos agricultores sobre essas mudanças mostra que os efeitos já são sentidos no cotidiano do campo e afetam de maneira concreta a produção de alimentos.

Gráfico 05 – Quais mudanças percebeu com mais frequência



Fonte: Elaborado pelos Autores.

Os entrevistados concordam em 100% que essas mudanças prejudicam a produção agrícola e o principal impacto citado pelos agricultores foi a diminuição da produtividade (64,9%), seguida pelo aumento de pragas e doenças (24,3%) e pela dificuldade de manejo de solo (8,1%). Esses problemas estão diretamente ligados às alterações no clima, como a falta de chuvas e o aumento das temperaturas, que prejudicam o desenvolvimento das plantas e favorecem o surgimento de insetos e doenças. Além disso, mudanças inesperadas nas estações dificultam o planejamento do plantio e da colheita, tornando a atividade agrícola mais arriscada.

Gráfico 06 – quais mudanças climáticas afetam a produção



Fonte: Elaborado pelos Autores.

Entretanto quando perguntado se os entrevistados adotaram alguma medida para lidar com as mudanças climáticas 91,9% adotaram e 8,1% não adotaram nenhuma medida. 62,2% dos entrevistados adotou o uso de cobertura de solo para combater as secas e os longos períodos sem chuvas, além de ser um manejo de fácil acesso aos produtores, atua também protegendo o solo dos processos erosivos e proporcionar uma melhor condição para o crescimento das culturas. Outras ações, como a alteração do calendário de plantio (18,9%) e a construção de reservatórios de água (43,2%), também foram citadas, mas em menor número. É importante destacar que 8,1% dos produtores ainda não adotou nenhuma medida específica, o que evidencia a dificuldade de acesso a informações, recursos e tecnologias que possam auxiliar nesse processo de adaptação.

Gráfico 07 – Medidas adotadas

Fonte: Elaborado pelos Autores.

3 RESULTADOS, DESAFIOS E APRENDIZADO

A pesquisa de campo realizada no assentamento Esperança que fica localizado a 20 km da cidade de Anaurilândia, foram entrevistados 34 agricultores onde revelou dados importantes sobre a percepção e os impactos das mudanças climáticas na agricultura local. A maioria dos entrevistados afirmou perceber alterações no clima nos últimos anos, especialmente relacionadas à seca prolongada, aumento das temperaturas e redução ou atraso de chuvas.

Entre os impactos mais relatados, destacaram-se a redução na produtividade das lavouras, o aumento de pragas e doenças e a perda de parte das safras. Essas situações afetam diretamente a renda e a segurança alimentar das famílias agricultoras.

Outro ponto relevante identificado foi o perfil dos entrevistados: a maioria composta por agricultores familiares de idade avançada com baixo número de jovens envolvidos na atividade agrícola, o que levanta preocupações sobre a continuidade da produção no futuro e a capacidade de modernização das práticas no campo. Outro fator é que quando perguntado 100% dos entrevistados concordaram que é importante receber informações sobre como enfrentar os efeitos das mudanças climáticas, onde pode-se perceber a ausência de assistência técnica para esses produtores.

Durante a realização da pesquisa, alguns desafios se destacaram como a dificuldade de compreensão de alguns termos: Certos agricultores tiveram dificuldade para entender termos como “mudanças climáticas” ou “estratégias de adaptação”, o que demandou explicar

de maneira simples e acessível o conteúdo das perguntas.

A realização desta pesquisa proporcionou diversos aprendizados, tanto sobre a realidade rural quanto sobre a aplicação de pesquisas de campo como a percepção prática sobre os efeitos das mudanças climáticas onde foi possível observar que, mesmo sem termos técnicos ou acesso a estudos científicos, os agricultores percebem claramente as alterações no ambiente e os prejuízos que essas mudanças causam na produção. A importância da comunicação acessível pois durante as entrevistas, percebeu-se a necessidade de adaptar a linguagem técnica para uma comunicação mais simples, direta e compreensível ao público rural, garantindo melhor entendimento e participação.

De forma geral, os resultados da pesquisa indicam que os agricultores do assentamento já sentem os efeitos das mudanças climáticas em suas atividades diárias. Eles percebem alterações na temperatura, na regularidade das chuvas e no surgimento de pragas e doenças. A maioria já busca formas de adaptação, principalmente através da irrigação, mas muitos ainda enfrentam dificuldades para implementar outras medidas mais eficazes.

A agricultura familiar, predominante no local, depende diretamente das condições climáticas, o que torna essa população especialmente vulnerável. A pouca participação de jovens e o envelhecimento dos agricultores também são fatores que podem dificultar a renovação de práticas e a incorporação de novas técnicas. Por isso, é essencial investir em orientação técnica, capacitações e ações de apoio para melhorar a capacidade de adaptação dessa comunidade rural.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA. Agricultura de Baixo Carbono: Plano ABC+ 2020–2030. Brasília: MAPA, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sustentabilidade/plano-abc>. Acesso em: 02 jun. 2025.

FEARNSIDE, P. M. Mudanças climáticas globais e a floresta amazônica. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 64, n. 3, p. 27–31, 2012.

FONTOURA, N. F.; SILVA, J. C. S. da. Impactos das mudanças climáticas na agricultura brasileira: percepção e adaptação dos produtores rurais. *Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente*, Curitiba, n. 53, p. 145–160, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/62897>. Acesso em: 02 jun. 2025.

JESUS, J. L. de; RIBEIRO, S. R. Mudanças climáticas e os desafios para a agricultura familiar no Brasil. *Revista Nera, Presidente Prudente*, v. 44, p. 110–130, 2018. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/6491>. Acesso em: 02 jun. 2025.

PERACI, L. C.; SOUSA, I. A. B. Percepção dos agricultores sobre mudanças climáticas: um estudo em propriedades rurais no sudoeste goiano. *Revista Extensão Rural, Santa Maria*, n. 28, p. 31–48, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/extensaorural/article/view/60591>. Acesso em: 02 jun. 2025.

SILVA, R. F. B.; RIBEIRO, M. R. Percepções de agricultores familiares sobre as mudanças climáticas no semiárido brasileiro. *Revista Brasileira de Climatologia, Curitiba*, v. 21, p. 150–168, 2017. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/revista_clima/article/view/53075. Acesso em: 02 jun. 2025.